



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

250 anos de Porto Alegre - 200 anos da Independência do Brasil - Aclamação de Dom Pedro como Imperador do Brasil, com o nome de Dom Pedro I - 180 anos das Revoluções Liberais de SP e MG - 170 anos da Batalha de Monte Caseros - 110 anos do início da Guerra do Contestado - 100 anos da Semana de Arte Moderna em São Paulo - 90 anos do início da Revolução Constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso - 80 anos dos afundamentos de 23 navios brasileiros por submarinos alemães em diversos lugares do mundo - Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália - 20 anos da conquista do pentacampeonato mundial de futebol na Copa do Mundo do Japão/Coréia do Sul pelo Brasil.

ANO 2022

Janeiro

Nº 393

Ucrânia – uma opinião

Cel Cav EM Marcos Paz do Nascimento

“Escolha o que quer defender. Selecione as fontes, de modo a evidenciá-lo. Junte tudo, ressaltando bem o valor das fontes. Pronto.”

É assim que políticos (e outros) mentem, falando a verdade.

Penso que a relação Rússia- Ucrânia evidencia bem, pelo menos para a minha geração (a qual já era adulta e tinha algum conhecimento histórico dado por certo por ocasião da Queda do Muro) a dificuldade de saber em que fonte de consulta se basear.

Assim, considerando como verdade que o primeiro núcleo geopolítico do que depois seria o Império do Czar foi o Principado de Kiev, focarei a questão russo-ucraniana olhando para a Polônia.

Por que nem o Sr. Stálin transformou a Polônia numa República da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas? Afinal, ninguém de bom senso duvidaria que a um simples estalar de dedos do Sr. Stálin milhares de poloneses encheriam as ruas expressando um desejo inconteste de fazer parte da idílica união dos povos socialistas soviéticos.

Stálin tinha tudo: uma história a ressaltar (afinal por mais de século um bom tanto da Polônia fora parte do Império do Czar e a guerra entre ambos os Estados, no entreguerras

mundiais, era facilmente atribuível aos pérfidos desígnios do capitalismo); um poder militar muito sólido; e, mais ainda, uma estrutura de poder (o Partido Comunista Polonês) domesticada e cônica de que resistir a tal vontade significava simplesmente o fuzilamento.

Mesmo assim, o poder soviético permitiu o surgimento de uma Polônia soberana. Como Estado comunista é claro e muito fortemente ligada à estrutura de poder da URSS (militar e economicamente dependente via Pacto de Varsóvia e COMECOM), mas de qualquer forma soberana. Mesmo que tal soberania fosse inicialmente apenas formal (vale lembrar que o Ministro da Defesa da Polônia que assinou a adesão ao Pacto de Varsóvia foi o Marechal – do Exército Vermelho- Constantin Rokossovsky) o fato é que ela abriu espaço para que a Polônia se apresentasse ao Mundo (após tanto tempo) como Polônia. Por quê? Porque até Stálin sabia que havia uma nação polonesa.

Eis a questão: existe uma nação ucraniana? Ou o que há são elites descontentes com acertos de poder (político, econômico, etc...- lembremos da questão do imposto sobre o charque aqui nas plagas gaúchas)? Qual a real diferença entre os dois idiomas? A que herança histórica as famílias ucranianas recorrem quando contam aos filhos de onde o avô veio e o que fazia? Como ucranianos e russos se distinguem fisicamente? Etc ..., etc... .

A resposta correta terá que ser encontrada por russos e russos/ucranianos ou por russos e ucranianos, mas não pelos norte-americanos e seus sequazes. Aliás, um precedente histórico extraordinário em questões deste tipo é o do Sr. Lincoln. Afinal a Constituição Norte-Americana (documento de ciência política que inicia com um vocativo belíssimo, ‘Nós, o Povo ...’) não proibia a secessão (não proíbe até hoje). Mesmo assim, Lincoln empurrou a questão com a barriga até que o Sul desse o primeiro tiro (um general de nome francês foi o apressadinho) e aí convocou um exército, fez uma guerra e, mais de seiscentas mil mortes depois, ninguém mais tinha dúvidas.

Concluo voltando ao tema da dificuldade de encontrar fontes realmente confiáveis (daí a epígrafe). É fato histórico muito bem documentado a mortandade na Ucrânia por ocasião dos confiscos de cereais com os quais o Estado Soviético pagava a industrialização forçada dos anos 1930 (o principal cliente da indústria de bens de capital norte-americana durante a Grande Depressão foi a URSS). Milhões foram deixados a morrer de inanição; há quem diga que morreram mais pessoas do que no Holocausto. Pergunto: russos mataram ucranianos ou soviéticos mataram camponeses? Claro, a maioria das tropas deveria vir de fora, claro a imensa maioria dos produtores de bens agrícolas na Ucrânia era de ucranianos, mas qual a correta descrição do fenômeno? Havia ou não duas nações nos Estados Unidos da América quando o forte foi bombardeado?

Não polemizo, o que atrapalha outras fundamentações prejudica a minha também.



O ÚLTIMO SOLDADO NORTE-AMERICANO MORTO EM AÇÃO NO DIA DO ARMISTÍCIO NA 1ª GRANDE GUERRA

Joseph E. Persico

No Dia do Armistício, 18 de novembro de 1918, as forças expedicionárias norte-americanas que lutavam na Europa ainda sofreram 335 baixas, contadas as do fim do dia, isto é, das 05 horas da manhã até as 11 horas. De acordo com os termos do acordo com as forças alemãs, o fogo deveria cessar e as tropas que estivessem incólumes, isto é, sem feridos, bem como no lado alemão, também cessaria qualquer atividade bélica. No front não havia qualquer possibilidade em saber da cessação das hostilidades ou a hora fixada para o seu início.

A possibilidade de ocorrer o armistício começou a se concretizar a partir de 07 de novembro de 1918, quando na tarde deste dia, soldados franceses do 171 st Régiment D'Infanterie, próximos a Haudroy, na picardia, começaram a ouvir um incomum toque de clarim. Temendo a iminência de um ataque, com cautela avançaram em direção daquele crescente barulho de buzinas, quando encobertos pela neblina, surgiram três automóveis, com suas laterais ornadas com a águia imperial. Os espantados soldados franceses recebiam uma delegação alemã de armistício, chefiada por um advogado, por nome Mathias Erz Berger. Esta delegação foi conduzida para a floresta de Compiègne, próxima de Paris, onde em um vagão restaurante, que foi convertido em sala de conferência, foram alí recebidos pelo Marechal Foch.

Neste local foi erigido um monumento, onde se lê: "Aqui, a tenacidade do Poilu, triunfou!". O monumento foi um dos primeiros explodidos após a ofensiva nazista de 1940, em 14 de agosto e reconstruído em 14 de novembro de 1948.

Por 23 anos, até 1940, por ocasião do aniversário do armistício, soava um clarim, ouvido pela floresta de Compiègne.

A princípio, o Marechal Foch foi relutante as propostas alemãs, após o que, estabeleceu as condições aliadas.

Todos os territórios ocupados na Bélgica, Luxembourg e na França, acrescidos da Alsácia-Lorraine, deveriam ser evacuados em quatorze dias. Os aliados ocupariam o oeste do Reno da Alemanha e as forças alemãs deveriam retirar-se da Austro-Hungria, Rumania e Turquia: também, render-se nos portos aliados, dez couraçados, seis cruzadores pesados, oito cruzadores leves e cento e sessenta submarinos. A Alemanha deveria destruir todos os armamentos pesados, inclusive cinco mil peças de artilharia, vinte e cinco mil metralhadoras e dois mil aviões. Apesar do povo alemão estar faminto, foram estabelecidas trinta e quatro condições referentes ao pagamento por todos os danos causados.

Foi dado um prazo de 72 horas, para obter a concordância dos termos estipulados, ou a guerra continuaria. Os norte-americanos estavam insatisfeitos e o comandante, General Pershing, disse que isto era uma demonstração de fraqueza, que a conciliação conduziria a uma futura guerra. Porém, os alemães aceitaram todos os termos e assinaram o acordo do armistício às 5:10 horas da manhã de 11 de novembro de 1918, dentro do prazo estabelecido por Foch: "o décimo primeiro mês, o décimo primeiro dia, as 17 horas de 1918!

A ordem transmitida dos Quartéis-Generais, dizia tão somente: o armistício foi assinado e tem efeito a partir das 11,00 horas desta manhã. Nada mais foi dito sobre a suspensão da luta, porém, na travessia do rio Meuse, mais do que cento e onze baixas ocorreram antes que a guerra terminasse.

O ÚLTIMO DOUGHBOY MORTO EM COMBATE NA 1ª GRANDE GUERRA MUNDIAL (continuação)

Joseph E. Persico

Dos soldados norte-americanos que compunham a American Expeditionary Force, estava Henry Nicholas Gunther, nascido no seio de uma família germano-americana, em Baltimore, Maryland, em 06 de junho de 1895 e que morreu em combate, um minuto antes da hora de vigência do armistício, 11.00 hs a.M., aos 23 anos de idade, na localidade de Chaumont-Devant-Darnvilliers, Meuse, e está sepultado no Most Holly Reedmer Cemetery, Baltimore(USA).

Gunther, antes de ser rebaixado a soldado raso, foi sargento, posto que foi elevado postumamente. Servia no 313º Regimento de Infantaria, na 79ª Divisão. A vida não foi fácil para Gunther. Quando os Estados Unidos da América entraram na guerra, começou a enfrentar o preconceito anti-germanico, em razão da sua origem familiar; daí não tinha vontade de se alistar, tinha um emprego na Banco Nacional, em Baltimore e uma namorada, Olga Gruebel. Com quem pretendia casar-se.

Todavia, Gunther chegou na França em julho de 1918, no posto de sargento de intendência, na companhia "A". Esta função não era muito popular na tropa, e Gunther criticava o tamanho dos fardamentos e tendo escrito a um amigo, para que ficasse em casa, já que as condições na guerra eram miseráveis. O censor militar passou a carta ao comandante de Gunther, que o rebaixou por isto, a soldado raso. Gunther tornou-se retraído e mal-humorado.

Por ocasião do dia do armistício, já fazia dois meses que a 313ª estava engajada interruptamente em combate. Naquela manhã, as 09.30 hs, foi ordenado ao regimento fixar baionetas e avançar em frente a Ville-Devant-Chaumont, feito através de uma cerração, e o avanço era protegido pelo 311º Machine Gun Battalion. A companhia "A"(de Gunther) movia-se em silêncio. De repente, a artilharia alemã abriu fogo e os soldados começaram a serem atingidos. Após 16 minutos, antes das 11.00 hs., um mensageiro alcançou o 313º, integrante da 157th Brigada, para reportar que o armistício tinha sido assinado. A mensagem não dizia o que fazer neste íterim.

O 313º havia se reunido logo abaixo da crista de Cotê Romagne. Dois pelotões de atiradores de metralhadoras alemães observavam incrédulos em uma clareira, as figuras que emergiam da cerração. Gunther e o sargento Powel lançaram-se ao solo, com as balas zunindo acima de suas cabeças. Os alemães cessaram de atirar, presumindo que os norte-americanos teriam o bom senso de parar tão perto. Subitamente, o sargento Powel viu Gunther levantar-se e começar a avançar na direção das metralhadoras. Ele gritou para Gunther parar. Os atiradores das metralhadoras alemães acenaram para que ele recuasse, mas Gunther continuou avançando. O inimigo de forma relutante disparou uma rajada de cinco tiros. Gunther foi atingido na têmpora esquerda e morreu instantaneamente. A hora era 10.59hs a.M.

O General Pershing na sua Ordem do Dia, relatou que Henry Gunther foi o último soldado norte-americano morto na 1ª Grande Guerra Mundial.



Ordem e estratégia na proteção da Amazônia – Defesa – DefesaNet

Exército, Marinha e Aeronáutica realizam ações integradas e, assim, superam distâncias continentais, garantido o combate ao crime e ajuda humanitária aos povos da região

Por terra, águas ou ar, as Forças Armadas têm papel fundamental e estratégico na proteção da Amazônia. E, para desempenhar essa missão, um dos principais obstáculos é a logística. As distâncias continentais da região são um capítulo à parte no combate às ações criminosas e, também, na realização de atividades sociais.

Muitas vezes, a população não faz ideia do trabalho diário e contínuo que, no anonimato, realizam os militares da Força Aérea, do Exército e da Marinha. As três corporações têm características específicas.

Mas, para o bom desempenho e êxito das missões, atuam em conjunto entre si e, também, em parceria com demais instituições federais, estaduais e municipais. Pouca gente sabe, mas uma das tarefas da Força Aérea Brasileira é, por exemplo, fazer o transporte de órgãos humanos em casos de transplante.

Outro dado interessante é que a 23ª Brigada de Infantaria de Selva, em Marabá, é uma das mais completas de todo o Exército brasileiro. É uma força de pronto-emprego para atuar em qualquer parte do território nacional, inclusive no exterior. Para 2022, a divisão já recebeu uma missão extra: deixar pronta uma companhia para ser empregada em operações de paz.

Na Marinha, para se ter noção do trabalho na região, a área terrestre sob responsabilidade do Comando do 4º Distrito Naval equivale a cerca de 23% de todo território nacional. Já a dimensão marítima, incluindo a área de responsabilidade de busca e salvamento, é de cerca de 2 milhões de km².

Os militares das Forças Armadas também tiveram um papel decisivo no enfrentamento à covid-19, sobretudo nos períodos mais críticos da doença na região. Na pandemia, por exemplo, o Exército realizou 2.419 desinfecções de diversas áreas e deu apoio à imunização, contribuindo com a logística para a aplicação de 380 mil vacinas.

Com a Operação Covid e na missão de integrar o país, a Força Aérea Brasileira realizou 6.225 horas de voo e transportou 5.018 toneladas de cargas e 11.710 pacientes. Tudo isso representou o equivalente a dar 107 voltas na terra.

Pelo ar, FAB garante vacina, alimentos e transporte de pacientes e de órgãos

Localizado em Belém, o Primeiro Comando Aéreo Regional (I Comar) atua no Pará, Amapá e Maranhão. O comandante, o Major-Brigadeiro do Ar Maurício Augusto Silveira de Medeiros, diz que a primeira ação que a Força Aérea realiza na Amazônia é a de defesa.

“A nossa missão é manter a soberania do espaço aéreo, mas também temos outras missões de integrar o território nacional. Há 80 anos, fazemos isso na Amazônia”, afirma. A integração é feita, por exemplo, com o transporte de órgãos para transplante e de vacinas.

“Agora, na época da covid, transportamos muito oxigênio. Essa presença da Força Aérea leva ao cidadão aquela certeza de que o Estado brasileiro está presente e que o que ele precisar, aonde ele estiver, nós iremos ajudar”, garante o Major-Brigadeiro Medeiros.

Para o comandante, as Forças Armadas existem para proteger o país. “A gente sempre faz também essa missão de proteção das fronteiras, interceptando aeronaves ilícitas que transportam drogas, contrabando”, detalha o Major-Brigadeiro. Um dos desafios, porém, é ter onde pousar as aeronaves.

“Se não tem pista, a gente vai com helicóptero. Se não tem pista, vai e constrói pista. A Força Aérea trabalha de tal forma que, se tem um impedimento, a gente busca suplantá-lo de uma forma ou de outra”, diz. Outro desafio são as condições climáticas.

“Muitas vezes, a gente quer chegar em um lugar, mas não consegue por conta da meteorologia. Então, a gente espera, vai no dia seguinte. Ficamos até o momento em que se consegue cumprir uma missão independente de quem seja – buscar algum enfermo, levar uma vacina, levar alimento”, garante Medeiros.

“Às vezes, as pessoas querem colocar uma divisão entre sociedade civil e militar, mas isso não existe. Existe a sociedade brasileira” - Maurício Augusto Silveira de Medeiros, Major-Brigadeiro do Ar da Força Aérea. Na Amazônia, há o período chuvoso e, também, seco.

“Muitas vezes, na época da seca, em que o rio não é navegável, a Força Aérea é quem leva alimento, além de uma série de coisas e poucas pessoas ficam sabendo disso. Não é que a gente não queira mostrar, mas não precisa ficar alardeando aos quatro cantos o que a gente está fazendo”, conta.

Para garantir a proteção da Amazônia, o Major-Brigadeiro Medeiros diz ser fundamental ter pessoas que trabalham realmente em prol do desenvolvimento e da proteção do país. “Nós

fazemos parte da sociedade brasileira e o nosso trabalho é justamente apoiar essa sociedade no que ela precisar.

Às vezes, as pessoas querem colocar uma divisão entre sociedade civil e militar, mas isso não existe. Existe a sociedade brasileira”, acredita.

“Com o lema ‘Asas que protegem o País’, a Força Aérea, onde ela estiver, estará sempre fazendo esse trabalho de proteção. Asas porque a gente voa e chega rápido e, dessa forma, conseguimos fazer tudo aquilo que for necessário. A sociedade pode e deve contar conosco, porque sempre vamos proteger o país”.

Base em Belém

Na Base Aérea de Belém, o comandante, Coronel Aviador Ricardo Bevilaqua Mendes, explica que há quatro principais organizações operacionais. Uma delas é o Primeiro Esquadrão de Transporte Aéreo, que faz o envio de urnas, transporta feridos, vacinas, militares e representantes de órgãos federais, como PF e Ibama, e presta apoio a pessoas desassistidas. Há, também, o Esquadrão Netuno, que possui aeronave cuja missão principal é fazer a patrulha marítima e, ainda, busca e reconhecimento sobre o território nacional.

"A covid foi uma grande operação logística. Entregamos diversos cilindros de oxigênio, medicamentos. Isso fez parte do nosso trabalho" - João Chalella Junior, general de Exército.

Comando Militar do Norte atua em 20% do território nacional

Para ele, a Amazônia é tão importante para o Brasil que, antes, havia na região só o Comando Militar da Amazônia, que cuidava da parte ocidental e oriental do território. “Fruto dessa importância estratégica e de algumas diferenças entre as duas ‘amazônias’, foi criado o Comando Militar do Norte (CMN), em 2013. A missão do CMN é a defesa e proteção da Amazônia Oriental”, detalha Chalella.

O general cita o trabalho realizado pela instituição na fronteira, o combate ao ilícito transnacional e ações em apoio a diversos órgãos federais e instituições, além da ajuda em logística, fornecendo transporte, por exemplo.

“O Exército não opera sozinho, opera com a Força Aérea, com a Marinha, com as agências, Ibama, Funai, entre outras. Somos o braço forte e temos uma outra faceta, que é a mão amiga. A nossa mão amiga é muito presente. Temos ainda outras operações em apoio às nossas comunidades indígenas”, afirma. Ele também destaca o apoio à Defesa Civil, com as enchentes, por exemplo, em Marabá, que afetam centenas de moradores.

Entre várias importantes, Chalella lista a Operação Ágata, na faixa de fronteira; a Verde Brasil, no combate ao desmatamento e garimpo; e a Operação Bailique, para apoiar órgãos municipais e instituições civis no armazenamento, embarque e distribuição de água aos moradores do arquipélago do Bailique, no Amapá, onde, nessa época do ano, há falta de água potável, porque ocorre a salinização das águas do rio Amazonas, um fenômeno causado pela estiagem.

A principal dificuldade para executar essas missões, na Amazônia, é o transporte. “Temos estradas que, às vezes, não são transitáveis o ano todo e as nossas distâncias são enormes. Eu tinha uma unidade operando a 1.400 km de sua sede, então, na ação, temos que integrar todos os modais, inclusive com helicóptero, quando necessário”, diz. Segundo o general, a pandemia não prejudicou as ações do Exército. “Estamos sempre preparados para as missões extremamente difíceis. A covid foi uma grande operação logística. Entregamos diversos cilindros de oxigênio, medicamentos. Isso fez parte do nosso trabalho”, ressalta.

Chalella destaca que, para enfrentar os desafios, garantindo a defesa e a proteção da Amazônia Oriental, é fundamental, primeiro, preparar a tropa. “Para a defesa e proteção da nossa Amazônia Oriental, temos que ter equipamentos, meios e pessoal habilitado e em condições de ser empregado a todo e qualquer tempo. Braço forte e mão amiga empregados na garantia da soberania, da lei, ordem, defesa da pátria. Mas eu também tenho que estar em condições de apoiar a nossa população junto com os demais órgãos aqui da área”, afirma.

O Comando Militar do Norte engloba os estados do Pará, Maranhão, Amapá e norte do Tocantins, atuando em 20% do território nacional.

Comando do 4º Distrito Naval: combate aos crimes transfronteiriços e ambientais

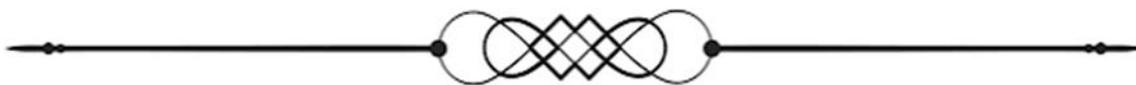
Coibir a prática de crimes transfronteiriços e ambientais, nas áreas marítimas e fluviais; implementar e fiscalizar o cumprimento de leis e regulamentos em Águas Jurisdicionais Brasileiras, na Plataforma Continental e em alto-mar; além de realizar inspeção naval e patrulhamento, inclusive em coordenação com os demais órgãos governamentais, são algumas das missões do Comando do 4º Distrito Naval (Com4ºDN), que atua nos estados do Amapá, Maranhão, Pará e Piauí. A Amazônia Oriental é a área de responsabilidade do Comando, que tem sede em Belém.

A Amazônia Ocidental, com sede em Manaus, atua por intermédio do Comando do 9º Distrito Naval (Com9ºDN). De acordo com o capitão de Corveta Jean Bergamaschi, encarregado da Subseção de Adestramento e Comunicações do Comando do 4º Distrito Naval, a principal missão é preparar e empregar as Forças Navais, Aeronavais e de Fuzileiros Navais subordinadas, a fim de contribuir para a defesa da Pátria, garantia dos poderes constitucionais e da lei e da ordem, e apoio à política externa.

Na prática, são realizadas operações ribeirinhas, para garantir a defesa do território; ações de Garantia da Lei e da Ordem, em coordenação com outros órgãos governamentais; operações de socorro, em apoio ao Serviço de Busca e Salvamento na área de responsabilidade do Com4ºDN, a fim de salvaguardar a vida humana no mar e nos rios; ações cívico-sociais, com foco na assistência humanitária e suporte à saúde nas comunidades ribeirinhas; e operações com Marinhas amigas, com foco no apoio à política externa.

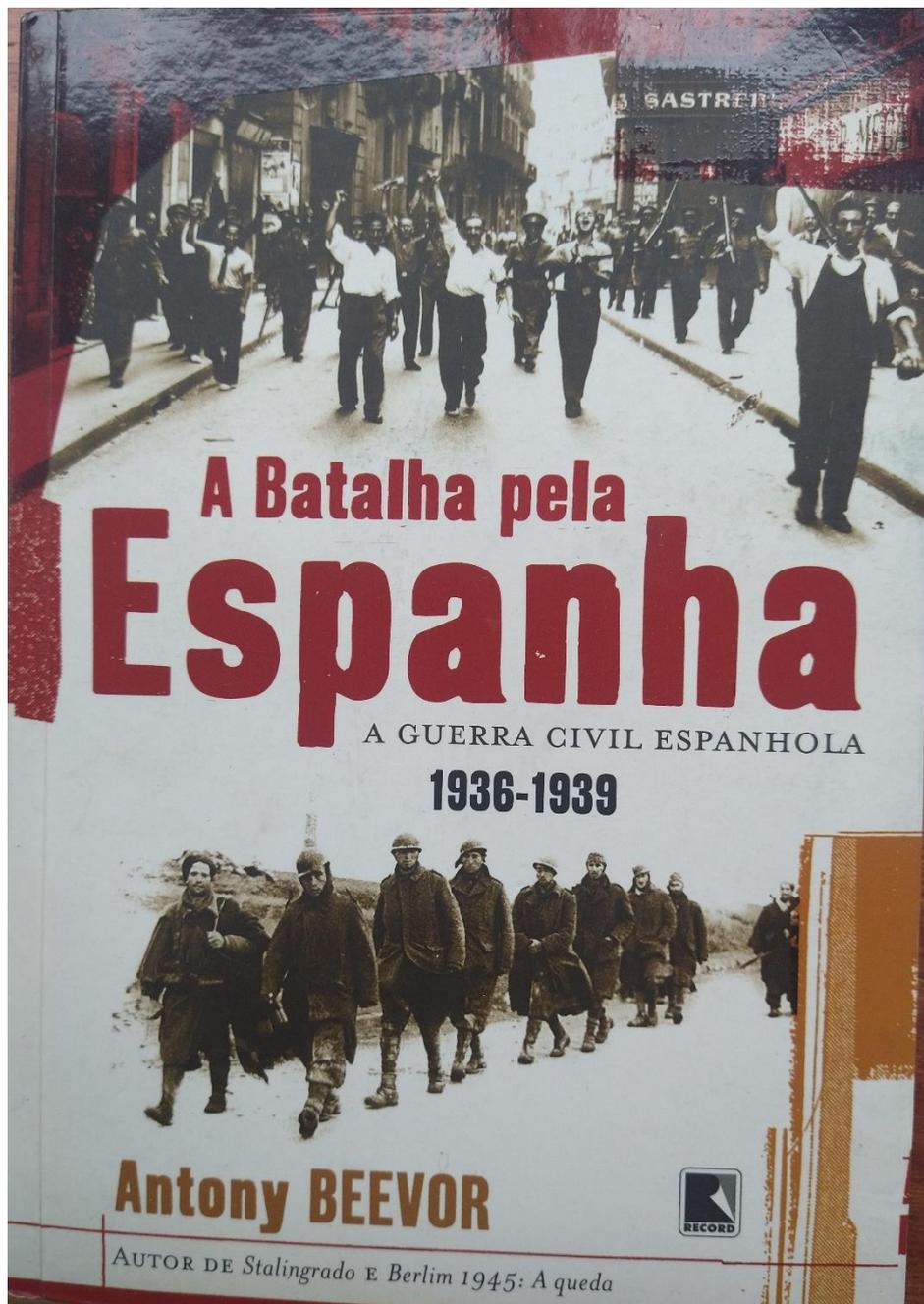
Em 2021, as principais ações foram as patrulhas nos rios e em área marítima; operações de busca e salvamento; e Operação Ágata, que teve como propósito intensificar a presença do Estado nas faixas de fronteira marítima e terrestre. Bergamaschi citou ainda a Operação Verde Brasil 2 (para combater o desmatamento, queimadas e garimpo ilegal), Samaúma (com o propósito de apoiar o combate a incêndios e desmatamentos ilegais na Amazônia); e Operação Pão da Vida (para reduzir as dificuldades enfrentadas pelas populações marajoaras em situação de vulnerabilidade social, intensificada durante a pandemia do coronavírus).

O capitão de Corveta Jean Bergamaschi diz que uma das principais dificuldades é a grande extensão da área de operações, assim como a sua complexidade, que envolve uma porção marítima e outra fluvial, cada qual com suas especificidades. “Possuímos cerca de 5.500 km de rios navegáveis. Essas dimensões impõem a necessidade de um complexo apoio logístico, equipamentos adequados e pessoal altamente capacitado”, explica.

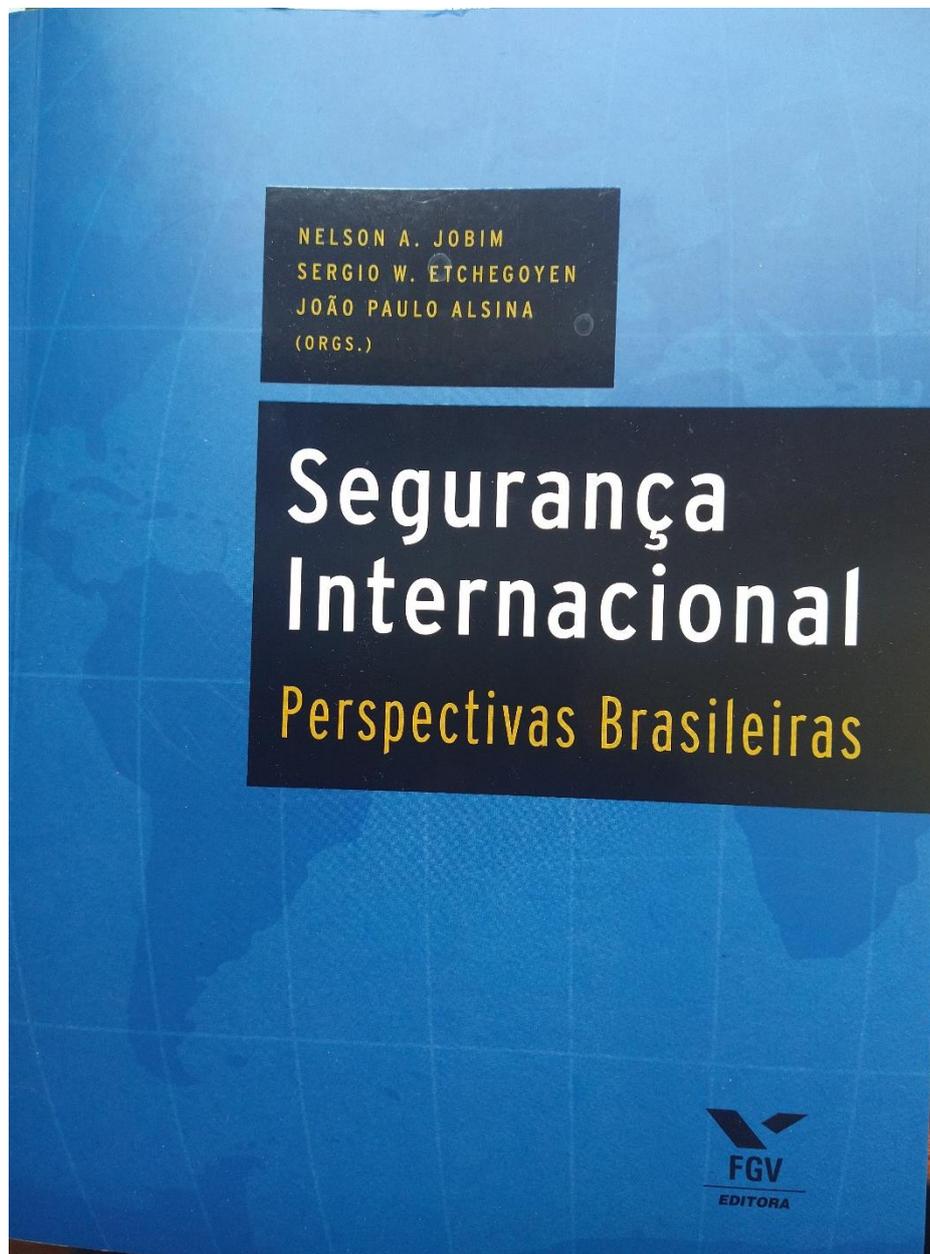


Livros recebidos por doação e que estão à disposição dos integrantes da
AHIMTB/RS

(abaixo)



**BEEVOR, Antony. A Batalha pela Espanha – A guerra civil espanhola – 1936-1939.
Rio de Janeiro: Record, 2007**



**JOBIM, Nelson; ETCHEGOYEN, Sergio W.; ALSINA, João Paulo (orgs.).
Segurança Internacional – Perspectivas brasileiras. Rio de Janeiro: FGV, 2010.**

Editor:

**Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
(lecaminha@gmail.com)**

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE

– Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>.